

RACISMO NO SUL DO BRASIL: HERANÇAS DE UM MITO

*Marionilde Dias Brepohl de Magalhães **

RESUMO: Este estudo tem por objetivo discutir alguns aspectos do pangermanismo no sul do Brasil analisado sobre o prisma da cultura e suas imbricações com o racismo. Etnia e idioma, usos e costumes se apresentam como elementos identificadores e necessários aos estudos sobre a diversidade histórica. A partir da reconstituição das atividades da Liga Pangermânica na América Latina e, especificamente, no Brasil, a autora analisa o revigoreamento de uma consciência patriótica e nacionalista por parte dos imigrantes germânicos. Apoiando-se em documentos produzidos após a I Guerra Mundial, constata e analisa a manifestação de novas atitudes por parte dos descendentes dos teutos. A construção mítica do passado heróico germânico é um dos itens em questão.

PALAVRAS-CHAVE: imigração, teutos, assimilação, resistência, pangermanismo.

Introdução

Qualquer historiador que analise os periódicos, folhetos, estórias e contos em língua alemã, editados no século XIX no sul do Brasil, surpreende-se com a diversidade de gostos, gêneros, tendências políticas e literárias.

Contudo, uma questão lhes é comum: a memória da imigração. O ato de migrar, as perdas que implicam tal opção e a euforia face a seu novo mundo são discursos recorrentes.

A partir do final do século XIX, entretanto, essa pluralidade cederá a um discurso homogeneizador, em que a ideologia racial (o mito ariano) ocupa um lugar destacado. O entusiasmo com a unificação da Alemanha em 1870, a experiência da derrota na primeira guerra e, finalmente, o movimento nacional-socialista são episódios que afetam boa parte dos emigrados, como se aquela história lhes pertencesse.

Quem são estes indivíduos? Trata-se de um segmento da segunda ou terceira geração dos imigrantes pioneiros, que safram, com o tempo, do meio rural e se afirmaram na cidade como pequenos e médios comerciantes, donos de fábricas ou artesãos, passando portanto por um processo de ascensão

* Doutoranda em História pela UNICAMP. Professora da Universidade Federal do Paraná.

econômica e social. Pequeno-burgueses, ávidos por ascensão de *status*, ressentidos com os preconceitos das elites dominantes no Brasil contra o *gringo*, o *alemão batata*, o *estrangeiro*, vistos como pessoas sem um lugar nesta história. E, para compensarem este *déficit* de *status*, tais indivíduos acercam-se do pangermanismo, um sentimento de identidade que era nutrido, em boa medida, pelas doutrinas raciais então existentes.

Discutir alguns dos aspectos desta cultura e suas relações como racismo, ainda que não velado, no sul do Brasil, é o objetivo deste trabalho.

De imigrantes a "alemães"

Em inúmeros impressos de língua alemã que circulavam no Brasil de 1890 a 1945, observamos um tratamento homogeneizador para os descendentes de origem germânica na América Latina. Enunciados como *Deutschtum* (germanidade), alemães, povos de uma outra nação que não aquela onde habitavam, herdeiros de uma pátria unificada, são termos que operam um distanciamento em relação à sociedade receptora.

Ainda que muitas famílias já estivessem instaladas no Brasil há mais de 80 anos, e outras não fossem sequer descendentes de alemães, mas de suíços, austríacos ou russos, pouco importava: etnia e idioma, usos e costumes eram seus elementos identificadores, para o que a diversidade histórica de suas origens (logo, as diferentes memórias), devia ser apagada.

Quais os fatores responsáveis por esta mudança de linguagem?

A partir de 1870, a reunificação alemã autoriza alguns empresários e políticos a entenderem quaisquer teutos como cidadãos do *Reich*. Tal conceito se deve principalmente a uma entidade, qual seja, a Liga Pangermânica. Sua história está vinculada à expansão imperialista européia, que passou a disputar, no final do século XIX, novos e mais diversificados mercados em vários países, substituindo as láticas de conquista territorial pela concorrência inter-capitalista e pela propaganda política e cultural. Tal foi o procedimento das classes dominantes alemãs, se bem que revestido de algumas especificidades, das quais se destacam pelo menos duas:

– a cooperação técnica, científica e militar, desenvolvida por missões diplomáticas que visavam, em médio prazo, atrair a atenção das elites latino-americanas para as suas mercadorias;

– o investimento maciço de materiais de propaganda sobre a superioridade do povo alemão, sua cultura, raça e economia, impressos que eram veiculados exclusivamente entre os imigrantes e seus descendentes desta origem; em médio prazo, estes entusiastas nacionalistas sonhavam em criar

nas regiões de colonização alemã do cone sul uma república teuta, separada institucional ou culturalmente dos países em que se situavam, e diretamente vinculada aos interesses da nação alemã. Para tanto, estes empresários, jornalistas, comerciantes e pastores ligados ao protestantismo nacionalista, tiveram de enfrentar as resistências de Bismark, para quem, em suas estratégias expansionistas, não estava contemplada a conquista territorial, e, muito menos, qualquer interferência que pudesse afetar suas boas relações com os Estados Unidos, a economia líder do Novo Mundo. Bismark considerava ainda dispendioso o investimento bélico necessário à conquista territorial de ultra-mar e à montagem de uma burocracia que lhe garantisse a dominação na região ocupada, motivo pelo qual tais práticas foram preteridas em favor do livre comércio, dadas as vantagens comparativas das mercadorias alemãs.

Esta posição oficial não impediu que empresários ligados à ideologia imperialista deixassem de sonhar e militar em favor de suas utopias de expansão territorial, o que seria incorporado mais tarde ao nazismo sob a justificativa de necessidade de ampliação do espaço vital (*Lebensraum*). Tais grupos iniciaram, de maneira autônoma em relação ao Estado, uma série de investimentos nos países de América Latina, inspirados não apenas num espírito pragmático que lhes garantisse o lucro, mas também por um senso missionário e expansionista, característico dos imperialismos, bem como por uma espécie de nacionalismo de caráter tribal, que buscava agregar todos os membros de uma mesma etnia em torno de um poder central, legitimado pela noção romântica e conservadora de identidade nacional.

A partir de 1890, no governo de Caprivi, que substitui o de Bismark, os idealizadores do expansionismo alemão passarão a contar com o apoio institucional, o que fortalece sua posição em mercados como os do Chile, Peru, Argentina, Paraguai e Brasil. Além da expansão comercial, ressalte-se sua influência na formação dos exércitos chileno e argentino, a disputa por colônias na frica, a discussão parlamentar e extra-parlamentar sobre fronteiras alemãs na própria Europa, dentre outras reivindicações. No Brasil, os agentes do imperialismo alemão dedicavam-se especialmente às exportações e importações de mercadorias e à doutrinação pangermanista entre as colônias onde o número de imigrantes alemães e de seus descendentes fosse expressivo.

Neste tocante, merece destaque a posição de Karl Peters, um líder político que foi diretor de algumas colônias na frica, onde não hesitou em empregar quaisquer métodos de violência para impor o poderio militar alemão. Mas, no que se referia ao Brasil, Karl Peters dispensou um outro tratamento. Considerava imprescindível apoiar seus camaradas de etnia (*Volksgenossen*), opondo-se à doutrina Monroe, pois avaliava que a América

Latina era, sob o ponto de vista cultural, mais distinta dos Estados Unidos do que da Europa; o panamericanismo era por ele considerado um artifício ideológico para interferir nos negócios de outros países, logo, uma ameaça à sua soberania.

Sua concepção de nação era bem simples de ser entendida, se bem que pouco aceitável segundo as tradições do bloco ocidental. A identidade nacional era concebida pelo critério de raça e idioma, ao que se ajustou a noção de superioridade étnica, válida somente para os arianos puros, e não para qualquer tipo de branco. Sua finalidade última passou a ser vencer o inimigo, fossem outras nações, como a França, a Inglaterra e a Rússia, outros povos, como os judeus, ciganos e eslavos ou outras idéias, como o liberalismo e o socialismo (SNYDER, 1984).

O movimento, antes e depois de se organizar, teve mais simpatizantes do que adeptos. Fascinava as classes médias por sua xenofobia e por alimentar-lhes o sentimento de ameaça, mas causava-lhes temor por sua avidez pelo poder político. (Afinal, o pequeno-burguês nunca considera a política uma linguagem com a qual ele podia ter interlocutores). O pangermanismo se desenvolveu primeiramente na ustria, a partir de 1860, caracterizando-se pela sua franca oposição ao governo, face às suas posturas liberais. Seus idealizadores elegeram Bismark seu líder (posição que não dependeu de seu empenho ou desejo pessoal) e catalizou o descontentamento da pequena burguesia, assustada com o risco de secessão que o sionismo, também emergente, se lhes representava. Suas lideranças foram responsáveis, por se definirem como arautos *de uma nova cultura política onde o poder e a responsabilidade se integravam de forma diversa da cultura de liberalismo racional*¹. Destes personagens, o mais destacado foi Schönerer, por sistematizar as idéias ligadas ao anti-semitismo e por sua habilidade em articular uma militância extra-parlamentar, posições que inspiraram sobremaneira seu discípulo mais conhecido, Adolf Hitler.

O pangermanismo dos austríacos, forma de nacionalismo em nível macro, que distintamente dos demais não pressupunha a reunião de diferentes etnias, como o pan-eslavismo na Rússia, desenvolve-se também na Alemanha, onde o movimento se organiza com ambições políticas mais definidas a partir da década de 90 do século XIX, com a criação da Liga Pangermânica - *Alldeutschen Verband*. Esta entidade atraiu nacionalistas de todos os matizes, fossem intelectuais, como Max Weber, Haeckel e Theodor Fischer, ou militantes, como Hugenberg, Haase e Class, que se apoiavam em idéias dos

1 Sobre as origens do pangermanismo austríaco, ver: SCHIORSKE, 1988.

românticos do início do século, associando-as à ideologia do nacionalismo estatal/oficial. Contavam ainda com o apoio de outras entidades, das quais é importante destacar a *Deutsche Kolonialgesellschaft* – Sociedade Colonial alemã e a *Verein für das Deutschtum im Ausland* – Liga pela Germanidade no Exterior (VDA). Alguns partidos nacionalistas, como o *Deutsche Nationale Volkspartei* – Partido Popular Nacional – emprestaram-lhe seu apoio, lutando para aprovar diversas medidas de seu interesse no parlamento. Seus principais objetivos, expressos em seus estatutos eram:

- Divulgação e propagação dos planos expansionistas da germanidade;
- Luta pelo fortalecimento da frota naval;
- União integral da germanidade em todo o mundo;
- Campanha em favor da germanidade no exterior;
- Luta contra as minorias nacionais”².

No século XX, a estes objetivos somam-se ainda a exigência de se estender os direitos de cidadania aos alemães do exterior, sob argumentos baseados no princípio do *jus sanguinis*. Coerentemente, recusavam a concessão de cidadania aos indivíduos de outras etnias residentes no país. Reforçavam ainda sua postura anti-semita e estimularam propagandas favoráveis ao conflito armado.

Suas idéias foram divulgadas rapidamente nos períodos em língua alemã do Brasil. A atuação da VDA se destacou também pela sua dedicação ao ensino fundamental; ao prestar auxílio às escolas particulares de língua alemã, ela preparava as crianças e jovens para o *pangermanismo do futuro*. Financiava sua construção, doava equipamentos, livros didáticos e enviava alguns docentes formados na Alemanha para integrarem seus quadros. Sob o lema *Gedenke dass du ein Deutscher bist* – “Lembra-te que tu és um alemão”, patrocinava ainda viagens de estudos para os melhores alunos. Esse *slogan* (para empregarmos um termo contemporâneo) era impresso nos cadernos, livros, almanaques, calendários, etc, como que, pela força da repetição, fosse introjetado no público receptor uma “culpa preventiva”: a do esquecimento.

Ao lado do material didático e das inúmeras contribuições nos periódicos, quer sob a forma de artigos, quer pelo auxílio financeiro, os quais se incumbiram pela formação de uma determinada mentalidade, de 1890 até pelo menos 1916, cite-se ainda a criação da *Zentralstelle für die Forschung des Deutschtums*

2 LEXIKON, 1983, p. 19.

im Ausland – Central de Pesquisa da Germanidade no Exterior – (ZDA), órgão que subsidiará os programas de pesquisa que apóiam a emigração e o fomento à cultura pangermânica, esta, transformada em uma nova *ciência* (como se ciência, ou qualquer outro saber, pudesse ter uma pátria específica. Consideramos que o saber, quando efetivamente válido, é necessariamente universal). Os membros da ZDA preparavam estudos sobre a política latino-americana, as regiões mais propícias para a instalação de emigrantes e fornecia ainda subsídios para os pangermanistas residentes nestes países. Entendiam ser sua tarefa precípua a formação de uma elite que garantisse a preservação cultural de todos os descendentes teutos. Segundo Kuder, um membro desta instituição, a preservação do *Deutschtum* por meio da literatura era uma tarefa da comunidade nacional alemã. Tais pesquisas e livros eram igualmente veiculados entre a população teuta, sendo cuidadosamente escolhidos para este fim. No campo religioso, tornou-se linguagem corrente a afirmativa: *Luthertum ist Deutschtum* (Luteranismo é germanidade).

As atividades da Liga Pangermânica e de seus adeptos na América Latina sofrem um impulso decisivo com o advento da primeira guerra mundial. Com ela, verifica-se um despertar da consciência patriótica e nacionalista por parte dos imigrantes e de seus descendentes, fomentado, em boa medida, por aquelas organizações, mas também (e não num segundo plano), pelas tensões ocorridas entre os membros daquela etnia contra a sociedade receptora. No Brasil, tais tensões são extremamente agudas, não apenas pelo fato de serem suas elites mais fiéis ao panamericanismo do que as dos outros dois países da América Latina, em virtude de seus laços econômicos com os Estados Unidos, mas também pelo comportamento adotado face àquele conflito. Quando, em 5 de abril de 1917, o mercante "Paraná" é bombardeado na costa francesa pelas belonaves do *Reich*, o governo brasileiro rompe relações diplomáticas com a Alemanha, para em outubro, devido às sucessivas pressões dos aliados e da *Liga da Defesa Nacional*, declarar guerra à Alemanha. A partir daí, as agressões e manifestações de repúdio aos descendentes germânicos (quaisquer que fossem) se ampliam, passando os teuto-brasileiros a serem considerados como inimigos e estrangeiros. A divulgação do mito do "perigo alemão" adquire um espaço cada vez mais destacado na imprensa de língua portuguesa: o "fantasma" da anexação do sul no caso da derrota dos aliados instigam a indignação dos mais diversos segmentos sociais, que passam da aversão ao ódio pela figura do alemão, enxergando nele, uma inclinação hereditária à agressividade. Estas imagens favorecem uma onda de quebra-quebras, comícios e empastelamentos de jornais, atos oriundos, no-tem bem, da sociedade civil, e não do Estado, como aqueles que ocorrem na era Vargas. Em 1917, é a sociedade receptora *versus* a comunidade teuta

quem entra em guerra; de ambos os lados, uma postura beligerante, como se estivessem residindo na Europa, não no Brasil.

Esta experiência resultará, com o término da guerra, numa cissura entre aquelas camadas e a sociedade receptora, o que se faz acompanhar por um refluxo das propostas de integração e assimilação de ambos os segmentos sociais. A partir daí, na linguagem jornalística, observa-se que os teutos passam a se expressarem como vilipendiados em seus direitos, tão derrotados quanto seus compatriotas da Alemanha, e passam a ansiar, em suas elaborações limite, por uma nova remigração.

O pangermanismo no período entre-guerras

Esta é uma conjuntura em que se caracteriza um momento-limite da história dos descendentes dos teutos. Face às discriminações que sofreram, sua atitude interior foi a de desforra, indignação e distanciamento da comunidade receptora. Isso pode ser observado inclusive em suas atitudes cotidianas. Em boa parte de seus escritos, constata-se que o passado é eleito como alternativa. A memória de seus ascendentes é reorientada; lembram-se menos de suas conquistas e mais de seus sofrimentos. Recordam-se que o Brasil não lhes deu boa acolhida, esquecendo-se, ao mesmo tempo que foi neste país, que seus pais deixaram se ser servos e passaram à condição de proprietários.

Nos periódicos em língua alemã que sobreviveram aos empastelamentos³, constata-se que, logo após o término da primeira guerra mundial, há um certo arrefecimento no que se refere à afirmação do Deutschtum e de seu posicionamento face à esfera pública local. Mas, tão logo seus jornalistas e colaboradores se sentissem seguros para manifestarem suas conclusões sobre os conflitos decorrentes da guerra, passaram a refletir uma série de atitudes hostis face à sociedade que os circunscrevia. Cite-se, a exemplo, um editorial que considera que,

a situação política está mais tranqüila, mas que a "flâmula vermelha" e a propaganda anti-germanista dos aliados ainda subsistem, instigando os habitantes de diversos países contra os teutos; o ódio generalizado que todos

3 Ressalte-se que os que puderam se reorganizar foram aqueles, cujas entidades patrocinadoras tinham maior poder aquisitivo, ou os que receberam auxílios do Reich. Aí não se inclui obviamente as pequenas gráficas, muito menos aquelas que eram mantidas por movimentos social-democratas, socialistas ou anarquistas.

sentem por eles, deve lhes ser um motivo de orgulho, pois tal atitude reflete o reconhecimento de ser o povo germânico uma comunidade étnica (*Volksgemeinschaft*), solidária e unida, independentemente dos estados a que pertença (KDB 1918, 1921 e 1922).

Ou seja, a *geografia imaginária* destes escritores (e de muitos leitores), transforma-se: eles, em alguns momentos, parecem residir na Alemanha, não no Brasil.

Um outro indício destas atitudes defensivas é a criação, em 1919, da *Deutschen Schutzbund für die Grenz – und Auslandsdeutschen*, uma federação que reunia diversas organizações para a proteção dos alemães residentes em regiões fronteiriças e no exterior, uma iniciativa da VDA, que contou com recursos do governo alemão para auxiliar seus compatriotas da América Latina prejudicados com o advento da guerra.

Entretanto, se o número de periódicos, associações e entidades culturais se ampliam, o conteúdo de suas mensagens são cada vez mais homogeneizados, em torno de algumas questões fundamentais: a necessidade de preservação do idioma de origem, o afastamento deliberado da política, a noção de superioridade étnica e cultural. Ainda, uma idealização da nação alemã para além dos acontecimentos políticos a ela pertinentes, manifestando um determinado desejo (consciente ou não) de restauração da honra perdida. Assim, a literatura, a música ou a história são comemoradas como os efetivos emblemas de sua pátria. Ilustra este imaginário, o excerto do seguinte poema:

O que significa a tua língua materna,
Que a ti tua mãe ofereceu?
Já te colocaste esta difícil pergunta
Em tuas horas solitárias?
Tenta, pois, dizer numa língua estranha,
O que vai em teu coração
Só a língua mãe, que chora,
Pode alcançar o que teu peito alcança
(*Kalender für die Deutschen in Brasilien*, 1907, p. 42)

Ou, de forma mais pedagógica, recomenda um pastor protestante,

Como cada família tem suas virtudes e defeitos, assim é
um povo; cada um tem sua etnia, e é melhor para todos
que eles se mantenham assim divididos.
(*Kalender für die Deutschen in Brasilien*, 1923, p. 17-35).

Com esta linguagem passional, semi-religiosa, contrapõe-se o *jus soli*, vigente nas Américas, ao *jus sanguinis*, de sua própria tradição, em nome do que seus precursores iniciam uma polêmica que só será concluída com a segunda guerra mundial. Este princípio lhes permite conceber a sociedade em que vivem como dividida entre várias etnias, logo, várias nacionalidades. Neste debate, a população majoritária da sociedade receptora é por eles denominada de "luso-brasileira", o que não apenas exclui as demais, mas enuncia seu caráter histórico de camada dominante. Caracterizam os membros deste grupo como seus principais adversários, desqualificando-os, conforme o caso, como vadios, inclinados à miscigenação, latifundiários, corruptos e escravocratas. Em relação aos outros demais, reconhecem o direito à manutenção de sua cultura, desde que não se misturem entre si.

Dentre todos os povos ou etnias que mencionam, a única que não deve ter o direito à existência nos países do ocidente é, segundo os pangermanistas, a judia. Trata-se de um povo errante e apátrida, que deve retornar ao oriente, pois suas raízes e sua cultura não se harmonizam com o espírito idealista alemão⁴.

No geral, estes escritores reforçam suas recomendações no que se refere à organização da comunidade teuto-brasileira de maneira corporativa e autônoma dos países em que vivem. Quando se expressam sobre a vida pública, não o fazem para fomentar uma determinada forma de ação coletiva, mas como um argumento adicional que favorecesse seu auto-enclausuramento.

Esta atitude de resignação não pode ser compreendida apenas como um resultado dos conflitos ocorridos em virtude da primeira guerra, ou de suas próprias experiências com a política interna. Ela é também resultado da emergência de uma linguagem de natureza totalitária, a qual já se presenciava na Europa desde o final do século XIX, com elaborações que refletiam o ocaso das utopias liberais e o ceticismo com relação à democracia. Mas é no início do século XX, quando os conteúdos utópicos da sociedade do trabalho ameaçam ser colocados em questão pelos movimentos revolucionários, que o pensamento iluminista começa a perder sua relevância política. Neste momento, o Romantismo *fin de siècle*, a psicologia das multidões, as doutrinas raciais, são recorrentes entre teutos e mesmo entre os demais habitantes do Brasil, o que encontra uma razoável receptividade principalmente entre as classes médias. Neste momento, os apóstolos da nação recorrerão a passados exemplares nos quais o presente pudesse confiantemente se orientar.

4 BREPOHL, F.W. *Mein Kampf in der deutschbrasilianischen Presse gegen jüdischen Mißbrauch des Auslandsdeutschen Idealismus im Jahre 1931*. Ponta Grossa: Verlag der Deutschen Vereinigung für Evangelisation und Volksmission, 1931. 38 S.

A elaboração mítica do passado heróico germânico, reitera continuamente, possibilita que tudo seja germanizado; *Deutschum* torna-se um conceito chave, que se apóia mais num sentimento do que numa proposta formulada no campo racional; aos homens não cabe a vontade ou qualquer juízo face à esfera pública, pois são formados por uma mesma natureza, o que, em seus limites, aniquila inclusive a hipótese mesma da necessidade do debate, do conflito, vale dizer, da política. São, a um só tempo, membros de um mesmo corpo, e individualmente, corpo integral que reflete todo o conjunto desta comunidade (*Volksgemeinschaft*).

Era portanto previsível que diante de tal experiência, os teutos se aproximassem ainda mais de sua cultura original, afastando-se, conseqüentemente, das propostas de integração à cultura receptora. Mas além desta disposição deliberada de resistência à assimilação, tais sentimentos serão estimulados por novos (ou rejuvenescidos) agentes do imperialismo cultural alemão, os quais ganham uma coloração mais nítida com o advento do nacional-socialismo.

Com a ascensão de Hitler, alguns periódicos alemães irão afirmar que,

enquanto na democracia o estado não era senão um instrumento das classes sociais, com o nacional-socialismo, é o povo quem assume o estado e o coloca a seu serviço". A vitória de Hitler é anunciada também como o "triunfo da vontade de um povo sob a liderança do *Führer*, e que a partir de agora, tudo o que lá em cima ocorrer, será sinônimo desta vontade (*Kalender für die Deutschen in Brasilien*, 1934, p. 13 e, *Koseritz' Volkskalender*, 1934, p. 97-98).

A partir desta conjuntura, as entidades pangermânicas passarão a ser disputadas e influenciadas por uma nova organização, qual seja a *Ausland-organisation - A.O.* (Organização para o Exterior do NSDAP), sob a liderança de Bohle, um membro do segundo escalão do partido, que objetivava conquistar a fidelidade dos alemães do exterior, fosse para transformá-los em representantes dos interesses econômicos do *Reich*, fosse para formar uma reserva militar a ser recrutada em caso de conflito armado. Para tanto, investiu pesadamente num conjunto de estratégias de propaganda, que ia desde a promoção de eventos culturais até a formação de células nazistas em cada uma das regiões de colonização da América Latina. Segundo ele, para que todos se tornassem alemães integrais, era imprescindível que se transformassem em nazistas integrais⁵.

5 Correspondência confidencial da A.O., 1937. Arquivo de História Contemporânea, Munique.

Ao observarmos as formas de estruturação desta propaganda, constatamos que sua lógica se baseou na necessidade de irradiação de um conjunto de idéias-força que visava recobrir todo o campo cultural que se pretendia dominar. O caráter escatológico que ela passou a assumir foi favorecido pelo distanciamento a que estavam sujeitos seu público alvo de todos os eventos relativos ao governo de Hitler. Isto cooperou para que o regime fosse idealizado como uma alternativa salvadora diante das "perseguições" que passam a ser realizadas pelos mais diversos órgãos da política institucional dos países em que residiam. face a esta dupla pressão, ou seja, da propaganda do NSDAP e da contra-propaganda dos poderes oficiais, eles passaram a se afastar ainda mais de quaisquer membros da sociedade receptora.

Tornaram-se apáticos, no que se referia à política brasileira⁶; mas, em suas associações e entidades recreativas, bem como em artigos e jornais, observa-se uma tendência que associava a idéia de auto-enclausuramento com fortalecimento político, como se se tratasse de um corpo que deveria crescer para depois enfrentar os demais. Para tanto, tornava-se imprescindível a coesão interna, o que implicava, simultaneamente, na endogamia. Como, a exemplo, manifesta-se o seguinte trecho de um editorial:

Somos um milhão de alemães no Brasil. Somos um exército sem soldados, uma Igreja sem torre, aceitai o desafio agora... – Vós fostes chamados para serem líderes deste povo, pois sois o povo, mais inteligente deste terra. (Kalendar für die Deutschen in Brasilien, 1933).

Este comportamento, como é sabido, sofreria inúmeras interdições por parte da polícia política de Vargas, após a adesão do governo brasileiro às tropas aliadas. O "sonho" de se viver em "pequenas ilhas arianas" se esvairia com a chamada campanha de nacionalização. Com ela, prenderam-se ou baniram-se líderes do NSDAP, pangermanistas e mesmo descendentes de alemães que não participaram de tal movimento. Simultaneamente, proibiu-se a existência de associações e impressos. bem como o emprego do idioma alemão. Pesaria ainda contra este grupo, a imagem de nazistas, quinta-colunas e assassinos, o que se verifica, em muitos casos, até os dias atuais.

6 Gostaríamos de ressaltar que, nem todos os pangermanistas distanciaram-se da política. Alguns deles, notadamente os intelectuais, exerceram influência sobre as políticas oficiais orientadas por noções eugenistas da era Vargas. Ver: BREPOHL de MAGALHAES, 1993, p. 72 e ss.).

Considerações finais

Não estudamos, senão por meio da literatura e de algumas obras de cientistas sociais, o período posterior à Segunda Guerra Mundial. Mas algumas considerações podem ser formuladas.

Um fato que nos chama a atenção, é que não voltou a publicar periódicos em língua alemã. Tampouco suas associações, exceto algumas, voltaram a ser denominadas com palavras ou nomes próprios neste idioma.

No que concerne aos descendentes da geração que conviveu com a Segunda Guerra, dois comportamentos podem ser observados: a rápida assimilação à cultura dominante ou, um retorno à narrativas ligadas aos imigrantes pioneiros. Em ambos os casos, constata-se um silêncio sobre os anos imediatamente precedentes⁷.

Mas, se atentarmos para a reflexões de Michael Pollak (1989), sobre a função do *não dito* nas elaborações de uma determinada memória coletiva, poderemos formular, pelo menos, algumas hipóteses interessantes. Para o autor, à medida em que um determinado grupo silencia sobre seus atos, seja por culpa, vergonha ou ressentimento, de forma alguma ele os esquece. Pelo contrário, *as lembranças proibidas são guardadas e mantidas em estrutura de comunicação informais*, como a família, entre amigos, em ocasiões festivas. São metáforas, alusões, entrecolhares e sorrisos, os quais substituem um discurso interior que não quer (ou não pode) revelar-se.

No que se refere ao Paraná e Santa Catarina, por exemplo, encontraremos algumas alterações nas auto-nomeações de alguns destes descendentes, que nos parece muito significativas: ao invés de teuto-brasileiros ou germânicos, "filho de colono alemão". Ao invés de branco, "loiro de olhos claros". Ao invés de apreciarem a cultura alemã, fala-se em "festas folclóricas". Ao invés de raça superior, "trabalhadores e ordeiros".

Finalmente, um outro fragmento de seu passado que só tem se revelado, de forma mais audível, no período recente; ao invés de Alemanha ou colônias alemãs, Região Sul.

No que se refere a essa última operação simbólica, devemos ressaltar que ela não é expressa por descendentes de alemães, mas por um amplo segmento da sociedade sulina, notadamente entre parcelas da classe média,

7 Os títulos dos trabalhos que reescrivem a história da imigração alemã no Brasil são bastante sugestivos, no que se refere à imagem que se pretende veicular sobre esta camada. Cite-se, pelo menos, três exemplos: ABECK, Helmut. *Colaboração germânica no Paraná nos últimos 50 anos*; OBERACKER, Karl. *Contribuição teuta à nação brasileira*; MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente*.

que têm mencionado, em alguns de seus discursos, idéias em favor do separatismo. Assim, a associação de origem racial à "força econômica (*versus* a "preguiça", associada à pobreza do Nordeste brasileiro) parece inspirar-se em um dos postulados da Liga Pangermânica: o direito à cidadania deve ser condicionado à herança racial, à existência de um passado comum, à presença de uma comunidade de sentimentos que, ao reforçar-se, exclui o diferente, tratando-o como estrangeiro.

Bibliografia

- ABECK, Helmut. *Colaboração pangermânica no Paraná nos últimos cinquenta anos (1929-1979)*. Entre Rios, 1980, 150p.
- ANDERSEN, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989, 191p.
- ARENDT, Hannah. *O sistema totalitário*. Lisboa: Dom Quixote, 1978, 622p.
- _____. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BRACHER, Karl Dietrich. *La dictadura alemana: genesis, estructura y consecuencias del nacional-socialismo*. Madri: Alianza, 1973 2v.
- BREPOHL DE MAGALHES, Marionilde Dias. *Alemanha mãe pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil*. Campinas, 1993. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 320p.
- GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil; germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, 204 p.
- GIL, José. Nação. IN: *Enciclopédia: Estado-Guerra*. Lisboa: Einaudi: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, p. 276-305.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, 212p.
- HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, 230p.
- KOHN, Hans. *Die idee des Nationalismus*. Heidelberg, 1950, 318 s.
- KRUCK, Alfred. *Geschichte des Alldeutschen Verbandes 1890-1939*. Wiesbaden: Franz Steiner, 1954, 224s.
- LEXICON zur Parteien Geschichte. Köln: Pahl Rugenstein Verlag, 1983, 2 Bände.
- MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente*. São Paulo, T.A. Queiroz, 2ª edição, 1989, 470p.
- OBERACKER JR, Carlos. *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*. Rio de Janeiro: Presença, 1968, 579p.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1989, 207p.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento silêncio. *Estudos Históricas*. Rio de Janeiro: v.2, n.3, p. 3-15, 1989.
- POLIAKOV, León. *O mito ariano*. São Paulo: Perspectiva, USP, 1974, 323p.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massa do fascismo*. Porto: Escorpião, 1974, 194p.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. *Racismo no sul do Brasil: heranças de um mito.*

SAYRE, Robert & LÖWY, Michael. *Romantismo e política.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, 98p.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica.* Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982, 223p.

SNYDER, Louis. *Macro-nationalism: a history of the pan-movements.* Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1984, 308p.

SCHORSKE, Carl. *Viena fin de siècle: política e cultura.* São Paulo: Companhia das Letras, 1988, 373p.

VERÍSSIMO, Erico. O tempo e o vento. IN: *Obras completas (vol. III-V).* Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966(b).

ABSTRACT: This study is a discussion of some viewpoints toward Pan-Germanism in southern Brazil and its relation with racism. Ethnos and idiom, uses and customs are elements of identification and necessary to studies about historical diversity. Beginning with a reconstitution of the Pan-Germanic League's activities in Latin America, more specifically in Brazil, the author analyzes the strengthening of a patriotic and nacionalistic conscience of German immigrants. Using documents dated after World War I, new attitudes of the Teutonic descendents are revealed and discussed. The mythical construction of the German heroic past is one of the issues.

KEY-WORDS: immigration, Teuton, assimilation, resistance, Pan-Germanism.